

## USO DO CORDEL ENQUANTO MEIO DE COMUNICAÇÃO

Thiago Acácio Raposo<sup>1</sup>  
Maria do Socorro Cipriano<sup>2</sup>

### RESUMO

Esta apresentação propõe analisar, brevemente, a publicação de cordéis, do gênero noticiário, pela folhetaria da Popular Editora, cujo funcionamento ocorreu entre 1913 e 1933, na cidade de Parahyba/João Pessoa, para entender como as notícias eram tratadas pelos cordelistas. Considerando que o cordel pode ser tomado como um jornal popular que circulava dentre os diversos grupos sociais no período, busca-se compreender como os textos poéticos recriavam as informações sobre os acontecimentos (guerras, conflitos, entre outros) e transmitiam notícias sobre o Brasil e o mundo, tornando-as acessíveis aos seus leitores. Serão analisados dois folhetos, são eles: *A victoria dos aliados – A derrota da Alemanha e a influenza hespahola* e *A Revolução militar de São Paulo, Sergipe, Pará e Amazonas – Drama de sangue e de dor*. A presente proposta está articulada ao projeto de Iniciação Científica da UEPB. Utiliza como aporte teórico-metodológico: Michel de Certeau, Roger Chartier e a historiografia relativa ao tema.

**Palavras-chave:** Literatura de Cordel; Jornal popular; Popular Editora.

### 1 - O CORDEL E A POPULAR EDITORA

Esta proposta compreende a literatura de cordel como uma fonte possível para o campo da história, no sentido de analisar o contexto histórico-cultural de determinadas comunidades. Segundo Abreu (1999), a literatura de cordel nordestina surge no final do século XIX, no momento em que se começa a escrever em folhetos os combates orais travados pelos violeiros, conhecidas como pelejas. Essa literatura recebeu certa influência da literatura de cordel lusa, mas ela diferencia-se da produção europeia pela sua uniformidade e sistematização.

Vários temas são abordados pelos cordéis e os contos dos principais eventos políticos e sociais não ficam de fora. Esses possuem um caráter informativo<sup>3</sup>, no sentido de levar a notícia aqueles que não tinham acesso aos meios oficiais de comunicação. Segundo Curran (1998), os cordéis de caráter informativo apresentam um discurso semelhante, se não idêntico àquele apresentado pelos meios de comunicação oficial. O autor utiliza os termos “Jornal do povo” para definir a relação entre jornal e cordel, no sentido que o cordel se tornava o principal veículo de comunicação da população simples, mas isso não implica dizer que os mais abastados não liam esses folhetos.

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela UEPB, bolsista PIBIC.

<sup>2</sup> Orientadora: Doutora em História e Coordenadora do projeto PIBIC: As tipografias de cordéis e o comércio na Paraíba entre os anos de 1920 a 1965– UEPB.

<sup>3</sup> Que tem como função levar a notícia, através de versos, a população mais simples.

O cordelista lia as informações proferidas pelos jornais e as reescrevia em forma de rimas e resumida para que pessoas de quaisquer classes sociais conseguissem compreender a mensagem transmitida pelo folheto. Para De Melo (2010), a literatura de cordel se diferencia de qualquer outro texto pela forma como é lido, uma vez que o cordel é produzido em rimas a fim de ser cantado para um público, caracterizando uma leitura coletiva, muito diferente de qualquer outra que é efetuada na individualidade. A leitura coletiva popularizou a venda dos folhetos, entendendo que até as pessoas que não sabiam ler acompanhavam atentamente o canto dos versos<sup>4</sup>.

Os cordéis que começaram a ser produzidos, impressos e vendidos em pequenas quantidades pelos seus próprios autores, entre o fim do século XIX e início do século XX, começaram a ganhar grandes proporções quando se instituiu uma rede de articulações entre vários autores de diversas regiões. Diante disso, os lucros daqueles folhetos de baixíssimo custo foram se revelando proveitosos e motivaram a fundação de tipografias especializadas na edição e impressão de folhetos.

Dentre as várias tipografias fundadas no início do século XX, destaca-se a Popular Editora, que funcionou entre os anos de 1913 e 1933 na cidade de Parahyba/João Pessoa, pertencente ao poeta paraibano Francisco das Chagas Batista. Em seu auge, chegou a publicar cerca de 1.000 romances e 3.000 folhetos por dia, como aponta a historiadora De Melo (2010). Devido a essa enorme tiragem, podemos supor que seus folhetos eram vendidos para várias regiões, através das redes de articulações promovidas entre os vários poetas.

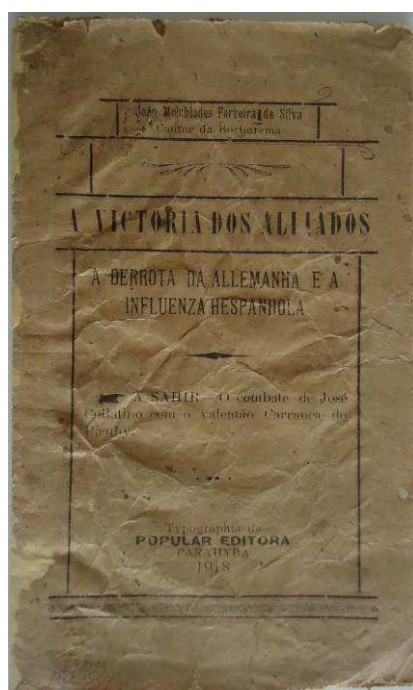
Tomando por base todas as informações anteriores, será promovida uma breve análise sobre dois cordéis de caráter informativo, publicados pela Popular Editora, são eles: (1) *A victoria dos aliados – A derrota da Alemanha e a influenza hespahola* e (2) *A Revolução militar de São Paulo, Sergipe, Pará e Amazonas – Drama de sangue e de dor*. Nossa proposta visa entender como os autores apresentam as notícias acerca da Primeira Guerra Mundial e da segunda revolução tenentista de 1924, buscando as articulações entre essas notícias e o cotidiano dos autores. Como narram? Posicionam-se em relação aos conflitos? É possível perceber, a partir do cordel, de onde os autores retiram as informações sobre tais acontecimentos? Tomando por base essas indagações e outras que venham a surgir, comecemos a análise.

---

<sup>4</sup> Entretanto, devemos estar atentos ao que diz respeito às práticas de leituras, pois, como apresenta Chartier (2003), essas podem ser historicizáveis e se diferenciam ao longo da história.

### 1.1- *A victoria dos aliados – A derrota da Alemanha e a influenza hespahola*

O cordel foi publicado em 1918, de autoria João Melchiades Ferreira da Silva<sup>5</sup>. O cordel possui 16 páginas e não apresenta desenhos na capa e não possui contracapa. A capa é composta por: nome do autor, título, subtítulo, propaganda de outro título, nome da tipografia e o ano de publicação, contornados por molduras.



O autor inicia sua narrativa relatando sobre os participantes da Primeira Guerra Mundial. O conflito foi travado entre dois grupos de países, trata-se da Tríplice Entente (Aliados) e da Tríplice Aliança (Impérios Centrais). O primeiro era constituído por uma aliança entre França, Império Britânico, Império Russo, Reino de Itália, Estados Unidos da América, Reino da Servia, Japão, Brasil e outros. O segundo era constituído por uma aliança entre Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária, Império Otomano e outros.

Segundo Melchiades, os Impérios Centrais teriam vencido a guerra por quatro anos e que a perderam em quatro meses. Já na terceira estrofe, o autor expõe seu posicionamento perante o assunto:

---

<sup>5</sup> **João Melquiades Ferreira da Silva** foi cantador e poeta de bancada, segundo Francisco das Chagas Batista, seu amigo e principal editor. É considerado um dos grandes poetas da primeira geração da literatura de cordel.

**O imperador da Allemanha,  
O maior monstro da guerra,  
Pretendia captivar  
Todas potencias da terra,  
Queria ser como um Deus,  
O criminoso é quem erra. (p. 1, grifo meu)**

Nessa passagem, João Melchiades explicita seu repúdio às atitudes do Imperador alemão, que com seus ideais expansionistas pretendia dominar o mundo e queria fazer-se como um Deus.

A narrativa segue apontando os vários acontecimentos da guerra (as vitórias e as derrotas de ambos os lados), dando destaque para a desonra da investida austríaca e alemã: “O exercito da Austria/ Começou a **desertar**” (p.3, grifo meu) “A Allemanha entrou sorrindo/ E vai **fugindo chorando**” (idem, grifo meu). Ambos os trechos apresentam os exércitos da Áustria e da Alemanha como covardes, o que reafirma o posicionamento do autor em relação à guerra.

Na visão do poeta, a investida alemã é tomada como uma ofensiva contra os próprios cristãos, um movimento anticristo.

Porque os allemães  
Sexta feira da paixão  
Na igreja de Pariz  
Mataram muitos Christãos  
Que estavam ouvindo a missa  
Na hora da Communhão.

Na hora que o vigario  
Levanta a hostia na mão,  
Disse estar amaldiçoado  
Todo exercito allemão,  
Que miseraveis insultam  
A Deus e a Religião. (p.11)

A partir do momento em que João Melchiades apresenta os alemães como hereges amaldiçoados pela “Santa Igreja” para uma população de maioria católica, ele os condena ao lugar de vilões da história. O cordelista também relata um possível desejo do Kaiser alemão de invadir o Brasil, caso vencesse a guerra na Europa:

O kaiser estava sonhando  
Que vinha á America Latina,  
Ganhava o Rio Grande do Sul  
E a Santa Catharina,  
Não pode realizar

Sua ambição assassina. (p.11)

E como resposta a esse sonho do Kaiser:

O Brasil já mandou gente,  
Vai mandar cem mil soldados,  
Todo Joven brasileiro  
Voluntario e sorteiados  
A Allemanha sem recurso  
Não aguenta os Alliados. (p.12)

Segundo o poeta, o Brasil enviaria um contingente de cem mil soldados para lutar contra as tropas alemãs. E nesse momento, percebemos o exagero do cordelista em relação à quantidade de soldados e a importância que o Brasil desempenhou na Primeira Guerra Mundial<sup>6</sup>.

A investida alemã é interpretada pelo poeta como um momento do apocalipse bíblico:

Os homens que ler a Biblia  
E conhecem enterpretação,  
No capitulo desesete  
Do Apocalypse de S. João  
Encontra a besta da guerra  
Na maior revolução.

Para combater a besta  
Nesta guerra encarnçada,  
Se juntavam as nações da terra  
A ferro, a fogo, á espada,  
Até que ficava a besta  
Vencida e encurralada. (p.13)

A partir das estrofes acima, podemos perceber que o autor articula os eventos da guerra e universo apocalíptico bíblico, com objetivo de aproximar, em narrativa, esses dois momentos e mostrar como é possível uma vitória contra os alemães - estes descritos como representantes da besta.

Para João Melchades, como resposta a ambição humana, que em alguns momentos queria sobrepujar o lugar de Divino, Deus mandou a gripe espanhola, que era o general mais poderoso, pois venciam exércitos sem usar uma munição. A influenza espanhola é atribuída a

---

<sup>6</sup> O Brasil entrou na guerra em 1917, quando um navio comercial brasileiro foi, supostamente, afundado por um submarino alemão. Sabe-se que o Brasil desempenhava um papel considerável na venda de produtos para os países beligerantes, fato esse apresentado pelo documentário **1930 – Tempo de revolução**, que evidencia o crescimento da exportação brasileira no período do conflito.

Peste citada no livro bíblico do Apocalipse e tinha como função mostrar aos homens o seu real lugar no mundo.

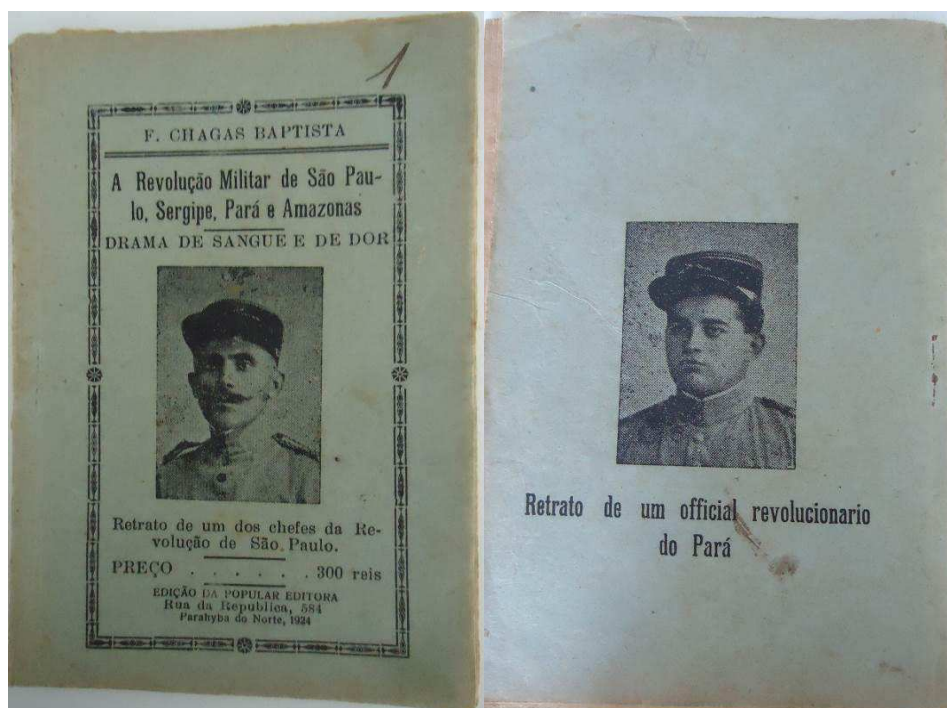
O cordelista transmite informações sobre o evento de repercussão mundial de forma simples, de modo que qualquer um poderia entender o que estava acontecendo na Europa, sob a perspectiva do poeta. Mesmo não compreendendo em sua totalidade, o consumidor desse folheto atribuía aos países da Tríplice Aliança a imagem de vilão, pois, estes eram inimigos da cristandade, e identificavam os países da Tríplice Entente como heróis, defensores dos bons costumes. Nesse jornal popular, Melchiades escreve sobre o evento, atribuindo valores religiosos a fim de proporcionar uma identificação pelos leitores. A seguir, analisaremos um cordel que relata eventos de caráter nacional.

## **1.2- A Revolução militar de São Paulo, Sergipe, Pará e Amazonas – Drama de sangue e de dor**

O Cordel de autoria de Francisco das Chagas Batista<sup>7</sup> não apresenta data de publicação. A capa e contracapa não possuem propagandas de outros títulos, elas são preenchidas por: nome do autor, título, subtítulo, fotografia de um dos líderes da revolução de São Paulo, preço, endereço e nome da tipografia e por uma fotografia de um dos líderes da revolução do Pará, sendo a capa contornada por uma moldura.

---

<sup>7</sup> **Francisco das Chagas Batista** foi um cordelista, editor e escritor da primeira geração da Literatura de cordel. Em 1913 fundou a Livraria **Popular Editora**, editando paródias, modinhas, novelas, contos, poesia, e se firmou como um dos intelectuais da época. Em 1929 publica o livro **Cantadores e poetas populares**, imprescindível para a pesquisa em literatura popular em verso por conter as mais antigas e confiáveis informações sobre esta forma poética. Ele foi dos primeiros editores de cordel e imprimiu produções de muitos poetas populares da época, exceto de João Martins de Ataíde.



O poeta inicia sua narrativa fazendo uma descrição do estado de São Paulo, enfatizando a sua potencialidade econômica e o seu desenvolvimento intelectual, “Seu solo é mui povoado:/ Tem cinco milhões de habitantes/ E tem poucos ignorantes/ Pois tudo alli é ilustrado” (p.4). O autor fala sobre as fazendas de café e a importância do Porto de Santos, o maior porto da América do Sul, segundo ele, que rendia oitenta contos de reis em sua alfandega anual.

Esse mesmo cordel foi analisado pelo pesquisador Mark Curran que sensivelmente percebeu que “O episódio é narrado com poucos comentários do autor e poucas imagens poéticas, mas com um fundo de indignação moral e condenação da rebeldia” (CURRAN, 1998). Essa indignação moral é evidenciada em quase todos os versos do folheto.

Segundo Chagas Batista, estado de São Paulo teria se rebelado contra a nação por conta das ambições de um rico proprietário de terra:

O coronel João Francisco  
Um caudilho potentado  
Que residia em São Paulo  
Homem de instinto malvado;  
Dizem que os seus possuídos  
E’ram todos mal havidos  
Porque tudo foi roubado.

Os generais Dias Lopes

E Odilio Bacellar,  
Queriam com esse caudilho  
Todo o Brasil Governar;  
Em manifesto diziam  
Que em nosso paiz queriam  
Dictadura Militar. (p.6)

Ficando claro o posicionamento do poeta contrário ao movimento paulista, ao situar que eram frutos de ambições pessoais de um homem de instinto malvado e ladrão, que visava estabelecer um governo autoritário no Brasil. Segundo o poeta, os líderes revoltosos roubaram todo o dinheiro dos bancos de São Paulo e o empregaram de forma misteriosa e em benefício próprio.

A luta entre os revoltosos e as forças legais foi travada durante um período de 23 dias, chegando ao fim com a vitória das forças legais. Onde o exército legalista teria trazido a ordem em contraposição ao roubo, a morte e desonra do período de dominação revolucionária.

Chagas Batista afirma que o dinheiro dos bancos e das fabricas foi saqueado pelos revoltosos que armaram os imigrantes para que lutasse sob sua bandeira. Segundo o poeta:

Eram Ungaros e Allemães  
Todos esses imigrantes  
Que somente p'ra roubar  
Se metteram nos levantes  
Esses bandidos, alli,  
Da matriz de Cambucy  
Foram grandes depredantes.

Como feros canibae  
Sobre a igreja atiraram,  
Destruiram o grande templo  
E as imagens quebraram;  
Profanaram até o sacrario;  
Bens da igreja e do vigario  
Tudo os bandidos roubaram!

Incendiarão alguns predios  
Somente para roubar,  
Atiraram nos bombeiros  
Que ião o fogo apagar,  
Só visavam os canibae  
As casas commerciaes  
Para tudo saquear!... (p.8-9)

É evidente o julgamento de valores proposto pelo poeta, onde os imigrantes são acusados de se envolverem na “revolução” apenas para roubar e para profanar os elementos sagrados da Igreja Católica, eram homens assassinos e cruéis. A xenofobia encontrada nos



versos de Chagas Batista pode ser entendida se a considerarmos como fruto das tensões sociais do período da república velha<sup>8</sup>.

Os tenentes envolvidos na revolta, após perceberem a derrota evidente, fugiram da cidade e, segundo o cordelista, um dos trens que carregavam esses fugitivos descarrilhou e muitos morreram. Essa tragédia é associada a um castigo divino sobre os revoltosos porque esses teriam descarrilhado um dos trens das forças legais durante a revolta.

Em seguida, o cordelista parte para o relato de outra revolução que acontecia ao mesmo tempo em que a de São Paulo, onde o batalhão 28 da capital sergipana, com o apoio da polícia local, depôs e prendeu o presidente do estado, sendo esse cargo transferido para o chefe revolucionário.

Como resposta ao movimento, várias forças legais existentes em Sergipe, sob o apoio dos estados da Bahia e de Alagoas, lutaram contra os revoltados e segundo o autor:

Quando os rebeldes se viram  
Por grandes forças cercados  
E souberam que o de São Paulo  
Já estavam destroçados,  
Resolveram não resistir  
E os que não puderam fugir  
Ficaram apresionados. (p.11)

Há uma preocupação evidente do autor de exaltar as forças legais e de inferiorizar as forças “revolucionárias”.

Outra “revolução” é citada no cordel, trata-se do movimento paraense que também se revoltou contra as forças nacionais, onde alguns militares decidiram o presidente do estado depor. Como resposta, os revoltosos do grande batalhão do estado foram presos e outro comandante assumiu o cargo de chefia deste. Entretanto, segundo o autor, esse novo comandante foi muito “infeliz”, pois simpatizou com o movimento paulista, “Nisto o tenente eremita/ Aos revoltosos incita/ A fazerem mil conquistas” (p.12).

Os revoltosos começam uma batalha contra as tropas legais, porém, seu comandante é ferido e esses se veem obrigados a retornar ao seu quartel general. Em seu retorno, os revoltosos se deparam com a polícia “entrincheirada”, uma batalha acontece e aqueles que não morreram, acabaram presos.

Também é citada pelo poeta, uma “revolução” em Manaus, onde “soldados maus” tentaram depor o seu presidente de estado. Segundo Chagas Batista, as tropas legais enviaram

---

<sup>8</sup> Para melhores esclarecimentos, sugiro a leitura do capítulo 1 do livro História da vida privada no Brasil 3.

um contingente de três mil praças, cinco grandes couraçados e seis aviões armados. Os aviões bombardearam a cidade de Manaus e obrigaram os rebeldes a fugirem para o Peru.

O poeta propôs uma narrativa dos eventos políticos do Brasil, sem em nenhum momento citar a ligação destes com a sua realidade, entretanto, nas últimas cinco estrofes do folheto, o autor cita um ataque feito à cidade de Souza (Paraíba), pelo cangaceiro lampião e mais 70 capangas. Chagas Batista afirma que Lampião foi a Souza para saquear e destruir a cidade e que como resposta a tais ações, as tropas legais de vários estados iniciaram um cerco aos cangaceiros e como consequência:

Mas de vinte desses monstros  
Já se acham na prisão  
E trinta e tantos já dormem  
Debaixo do frio chão  
Porque as forças legais  
já não admitem mais  
Cangaceiros no sertão. (p. 16)

O autor promove uma contextualização dos eventos nacionais com a sua realidade local, no momento em que relata o trabalho e a força das tropas legais no sertão em combate aos cangaceiros. Nesse sentido, o combate ao cangaço é citado como forma legitimar o trabalho das forças federais, condenando qualquer prática rebelde ao estado. As tropas federais são apresentadas pelo autor como defensora da moral e dos bons costumes e que qualquer um que não seguisse os princípios por ela instituídos, deveria sofrer as consequências de uma repressão federal. Os eventos distantes da realidade paraibana se aproximam desta a partir de uma leitura moral dos acontecimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ambos os folhetos polarizam os relatos propostos, onde os discursos dos autores são sempre explícitos, deixando visíveis seus posicionamentos sobre as notícias abordadas. Associando os “vilões”<sup>9</sup> sob o ponto de vista dos autores, a destruidores de igrejas e profanadores de rituais sagrados da Igreja Católica. Para uma sociedade de maioria católica e ligada a valores tradicionais, tais relatos podem desempenhar uma repugnância extremamente grande na maior parte dos leitores e/ou ouvintes.

---

<sup>9</sup> É bastante comum encontramos nos folhetos uma divisão dos personagens entre vilões e heróis.

Ambos os cordéis apresentam dados exagerados e minuciosos sobre os temas abordados, tendo em vista o conhecimento histórico até então. O Exagero é a arte utilizada pelos cordelistas para provocarem a atração<sup>10</sup> e a concordância de leitores sobre os relatos produzidos. A minuciosidade dos dados pode ser entendida, segundo hipótese, como fruto do contato direto dos cordelistas com as fontes oficiais de informação do período, nesse caso, o jornal. De que outra maneira os cordelistas elencariam dados tão precisos sobre eventos que aconteciam no outro lado do país ou do mundo em um curto espaço de tempo? Isso fica mais explícito no cordel do João Melchiades, onde ele pública em 1918 um cordel relatando sobre a Primeira Guerra Mundial, dou destaque para vários nomes de generais e de batalhas citadas pelo autor, assim como a percepção de que os países do Eixo Central estavam caminhando para a sua derrota. Devido às limitações dos meios de comunicação do começo do século XX, podemos supor que o jornal, o único meio oficial identificável como possível fonte para os poetas.

No início do século, os jornais se apresentavam como o principal veículo de comunicação oficial, entretanto, ele não abrange a totalidade da população de determinada região, tendo em vista as limitações educacionais e de circulação. A literatura de cordel vem desempenhar um papel mais abrangente neste período, pois os cordelistas liam as informações perpassadas pelos jornais e a transmitiam, através de versos, que podiam ser cantados e assim, atingiam uma parte da população que estava à margem da cultura escrita<sup>11</sup>.

Para melhor compreender a transmissão de conhecimento de um meio para outros, podemos citar Chartier (2002) quando analisa os “livros azuis”<sup>12</sup>, publicados na França entre os séculos XVI e XVII. Segundo o autor, esses livros eram reedições de publicações direcionadas a um público “elitista”, tendo em vista o seu alto custo. Alguns livros eram resumidos e outros tinham parágrafos inteiros apagados. Essas edições eram feitas com o intuito de baratear os custos dos livros e de tornar a leitura mais fácil para o novo público.

Podemos supor que muitos cordéis, assim como os “livros azuis”, foram produzidos através de edições ou reedições de outros veículos de informação (jornais, revistas, livros, entre outros). Dessa forma, as informações produzidas para circular em determinado espaço<sup>13</sup>,

---

<sup>10</sup> Através de curiosidade, repugnância, susto, entre outras emoções pertencentes à subjetividade humana.

<sup>11</sup> Analfabetos e pessoas de baixa renda.

<sup>12</sup> Esse termo refere-se a livros de baixo custo vendidos na França entre o século XVI e XVII e que geralmente possuíam as capas azuis.

<sup>13</sup> Produções direcionadas a um público com condições financeiras mais favoráveis a compra.

são desviadas para outros espaços. O cordelista, nesse sentido, tem o papel de recodificar as informações do espaço “elitista”, para o espaço “popular”.

As pessoas que liam os cordéis não o faziam de forma passiva, pois a partir do momento em que eles liam, colocavam em prática toda a sua subjetividade. Eles não aceitavam todas as informações sem antes as analisarem, filtrando-as, geralmente, a partir do conjunto de valores morais vigentes<sup>14</sup> na sociedade. “A fina película do escrito se torna um removedor de camadas, um jogo de espaços. Um mundo diferente (o do leitor) se introduz no lugar do autor” (DE CERTEAU, 1994). O leitor, através da prática da leitura, atribui outros sentidos ao texto.

A literatura de cordel jornalística, cuja função é a de informar o homem simples através de seus versos os acontecimentos, faz uma releitura das notícias proferidas pelos veículos informativos oficiais, mas não deixam de carregar consigo o discurso oficial.

Todos os polos direcionavam para a construção de uma memória pós-guerra, onde os países do eixo eram os vilões e os aliados, heróis. Assim como, todos os veículos de comunicação, incluindo o cordel, apresentavam os revoltosos de São Paulo, Sergipe, Pará e Amazonas como os vilões e as forças federais como heróis. Mas “quanto mais fracas as forças submetidas à uma direção estratégica, tanto mais estará sujeita à astúcia” (CAUSEWITZ apud DE CERTEAU, 1994, p. 101). Estratégias se revelam como as práticas dos fortes para manipular os fracos e a astúcia, que é utilizada como último recurso, para burlar as estratégias, configurando-se assim uma prática tática, ou seja, uma arte do fraco. Até que ponto o discurso oficial “traduzido” pela literatura de cordel predominava sobre seus consumidores? Essa questão fica em aberto, como instigação a um aprofundamento na pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Marcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. – Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999 – (*Coleção Histórias de Leitura*).
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- CURRAN, Mark J. **História do Brasil em Cordel**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

---

<sup>14</sup> Ideologias apresentadas pela Igreja, pelo governo, pelos jornais, pelas escolas, entre outras instituições.

BATISTA, Francisco das Chagas. **A Revolução militar de São Paulo, Sergipe, Pará e Amazonas** – Drama de sangue e de dor. Parahyba: Tipografia Popular Editora, s.d.

DE MELO, Rosilene Alves. **Arcanos do verso**: trajetórias da literatura de cordel. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

SILVA, João Melchiades Ferreira da. **A victoria dos aliados** – A derrota da Alemanha e a influenza hespáhola. Parahyba: Tipografia Popular Editora, 1918.

WISSENBACH, M. C. C. *Da escravidão à liberdade: Dimensões de uma privacidade possível*. In: NOVAIS, F. A., coord., SAVCENKO, N., org. **História da vida privada no Brasil 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P.50-130.

SILVA, José Fernando Souza e. **Biografia de Francisco das Chagas Batista**. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/FranciscoChagas/franciscoChagas_biografia.html)> Acessado em: 22 de novembro de 2014.

BENJAMIM, Roberto. **Biografia de João Melquíades Ferreira da Silva**. Disponível em: <[http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMelquiades/joaoMelquiades\\_biografia.html](http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/JoaoMelquiades/joaoMelquiades_biografia.html)> Acessado em: 22 de novembro de 2014.